

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)

Awakening in new lands: Portuguese immigrants and their local and transnational articulations in the construction of anarchism in Brazil (1899-1920)

Réveil dans de nouvelles terres: les immigrés portugais et leurs articulations locales et transnationales dans la construction de l'anarchisme au Brésil (1899-1920)

Despertar en nuevas tierras: inmigrantes portugueses y sus articulaciones locales y transnacionales en la construcción del anarquismo en Brasil (1899-1920)

Kauan Willian dos Santos
Universidade de São Paulo
kauanwillian09@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a influência de imigrantes portugueses, assim como suas redes políticas e sociais, na construção do anarquismo no Brasil desde seu estabelecimento até a década de 1920. Faremos isso a partir da construção micro-histórica da trajetória política de três influentes militantes na comunidade de portugueses do movimento operário brasileiro, assim como no sindicalismo revolucionário e entre anarquistas: Joaquim Mota Assunção, Neno Vasco e Tércio Miranda. Temos como hipótese que os elementos linguísticos e culturais lusitanos favoreceram a construção de organizações que uniam os imigrantes portugueses num primeiro momento, mas isso não excluiu os esforços para uniões com as tradições das lutas locais e também com outros estrangeiros. Essa tendência tinha influência dos ideários gestados pela tradição internacionalista e também pela prática transnacionalista dos agentes portugueses ou de seus descendentes, construindo espaços comuns de classe entre diversos países.

Palavras-Chave: Anarquismo; Internacionalismo; Transnacionalismo; Movimento Operário - Brasil

Abstract: This article aims to analyze the influence of Portuguese immigrants, as well as their political and social networks, in the construction of anarchism in Brazil since its establishment until the 1920s. militants in the Portuguese community of the Brazilian labor movement, as well as in revolutionary syndicalism and among anarchists: Joaquim Mota Assunção, Neno Vasco and Tércio Miranda. We hypothesize that Portuguese linguistic and cultural elements favored the construction of organizations that united Portuguese immigrants at first, but this did not exclude efforts for unions with the traditions of local struggles and also with other foreigners. This tendency was influenced by the ideologies gestated by the internationalist tradition and also by the transnationalist practice of the Portuguese agents or their descendants, building common class spaces between different countries.

Keywords: Anarchism; Internationalism; Transnationalism; Labor Movement - Brazil

Résumé: Cet article vise à analyser l'influence des immigrés portugais, ainsi que leurs réseaux politiques et sociaux, dans la construction de l'anarchisme au Brésil depuis son implantation jusqu'aux années 1920. des militants de la communauté portugaise du mouvement ouvrier brésilien, ainsi que des militants révolutionnaires. syndicalisme et parmi les anarchistes : Joaquim Mota Assunção, Neno Vasco et Tércio Miranda. Nous émettons l'hypothèse que les éléments linguistiques et culturels portugais ont favorisé la construction d'organisations qui ont uni les immigrés portugais dans un premier temps, mais cela n'a pas exclu les efforts d'unions avec les traditions des lutes locales et aussi avec d'autres étrangers. Cette tendance a été influencée par les idéologies

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

engendrées par la tradition internationaliste et aussi par la pratique transnationaliste des agents portugais ou de leurs descendants, construisant des espaces de classe communs entre différents pays.

Mots-clés: Anarchisme ; Internationalisme; transnationalisme; Mouvement ouvrier - Brésil

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la influencia de los inmigrantes portugueses, así como sus redes políticas y sociales, en la construcción del anarquismo en Brasil desde su establecimiento hasta la década de 1920. militantes en la comunidad portuguesa del movimiento obrero brasileño, así como en revolucionario sindicalismo y entre los anarquistas: Joaquim Mota Assunção, Neno Vasco y Tércio Miranda. Presumimos que los elementos lingüísticos y culturales portugueses favorecieron la construcción de organizaciones que unieron a los inmigrantes portugueses en un principio, pero esto no excluyó los esfuerzos de unión con las tradiciones de las luchas locales y también con otros extranjeros. Esta tendencia estuvo influenciada por las ideas generadas por la tradición internacionalista y también por la práctica transnacionalista de los agentes portugueses o sus descendientes, construyendo espacios comunes de clase entre diferentes países.

Palabras-llave: Anarquismo; Internacionalismo; transnacionalismo; Movimiento Obrero - Brasil

Introdução: construindo o anarquismo globalmente e no Brasil

As ideologias e correntes políticas que nasciam e acompanhavam o advento do capitalismo industrial e sua expansão global na segunda metade do século XIX, como o republicanismo, os socialismos, o marxismo, o anarquismo e a estratégia do sindicalismo revolucionário, também tiveram uma característica marcante de se espalharem pelo mundo. Desde finais do século XVIII até o século XX a era contemporânea foi marcada pelos avanços das transformações econômicas que proporcionaram o desenvolvimento dos transportes e das comunicações de maneira inédita (Anderson, 2008). O resultado disso foi um fluxo constante de panfletos, folhetos, opúsculos, livros e periódicos criados a partir da intensificação dos contactos entre pessoas e países, somadas às conquistas coloniais e às migrações em massa. A criação das ferrovias, dos comboios à vapor, das máquinas tipográficas e de outras invenções das revoluções industriais, juntamente com os processos migratórios e o imperialismo, dessa maneira, deram subsídios para a disseminação de ideias e práticas que, por sua vez, também questionavam os malefícios deste sistema, como a concentração de renda e as péssimas condições de vida dos trabalhadores nos mais variados locais onde estes se instalavam.

Nesse contexto, para o pesquisador Benedict Anderson, “em seguida ao colapso da Primeira Internacional e à morte de Marx, em 1883, o anarquismo nas suas formas tipicamente diversificadas, foi o elemento dominante na esquerda radical autoconsciente” e, até a Primeira Guerra Mundial, “o principal veículo de oposição global ao capitalismo industrial, à autocracia, ao latifundiarismo e ao imperialismo” (Anderson, 2014: 19-20). Além do caráter imigratório, que impulsionou a construção global desta corrente política, os participantes das fileiras libertárias eram regidos por uma meta internacionalista, ou seja, acreditavam que as suas resistências e os

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

ganhos a serem conquistados não se restringiriam a uma unidade nacional ou ao um grupo étnico, devendo destituir os detentores dos meios de produção e os governantes a partir de uma revolução global. De fato, muito mais que uma teoria, os anarquistas tentaram exercer seu internacionalismo na prática. Muitos anarquistas forçados por questões de fugas e exílios assim como emigrando por razões de necessidade ou mesmo aspirando a disseminação das suas ideias pelo globo, atravessaram diversos países e continentes, levando e trazendo pensamentos e experiências diversas e construindo o anarquismo para além do atlântico norte ou da experiência europeia, discursando sobre a fraternidade universal. No caso brasileiro, esses foram os casos de Gigi Damiani (um italiano que teve uma participação intensa na construção do anarquismo e do movimento sindical no Brasil), Angelo Bandoni (nascido numa ilha do território francês e que transitou na Itália e também no Brasil) e Neno Vasco (militante luso-brasileiro atuando também numa experiência transnacional), que examinaremos a seguir (Samis, 2009).

Entre o fim do século XIX e o início do século XX, em várias partes do mundo, constituía-se um movimento operário global, no qual anarquistas, socialistas, sindicalistas revolucionários e outros comunicavam para construir, forjando estratégias em comum. Esse era o caso da Confederação Operária Brasileira (COB) ou da Federação Operária Regional Argentina (FORA), que citava as cartas, decisões e estratégias da Industrial Workers of the World, dos E.U.A ou da Confederação Geral do Trabalho (CGT), da França (Poletto, 2017: 43-78). Um esforço bastante poderoso do período, na América do Sul, foi o Congresso Internacional da Paz, em 1915 e o Congresso Anarquista Sul-Americano, articulados principalmente pelos anarquistas e sindicalistas do Brasil e da Argentina, obtendo apoio de algumas organizações europeias e americanas (Santos, 2018: 37-49). Os jornais, periódicos e opúsculos, as principais ferramentas políticas comunicacionais do período, também foram marcadas por este transnacionalismo. Em 1885, por exemplo, a Argentina já presenciava o periódico militante *Questione Sociale*, que contava com articulações internacionais, entre militantes italianos principalmente. Nesse sentido, o jornal *L'avvenire* de São Paulo, em 1894, alegava receber cartas da Argentina, Portugal, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra, noticiando também, no caso deste primeiro, o contacto e a criação do “grupo La Juventú Comunista-anarquica de Buenos Aires” (Santos, 2018: 41). Na década de 1900, os periódicos *La Battaglia*, *A Terra Livre* e o *Amigo do Povo*, de São Paulo, já faziam uma ponte poderosa entre o movimento operário brasileiro, americano e europeu, se correspondendo e obtendo influências mútuas (Romani & Benevides, 2019).

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

Não obstante, esse processo nem sempre foi marcado por uma harmonia entre a realidade local que estes imigrantes se instalaram. Benedict Anderson (1998) e Glick Schiller (1992) chamam de “nacionalismo de longa distância” o processo no qual grupos, nos processos de migrações, se reconheciam e criavam comunidades nacionais, às vezes até ressaltando seu nacionalismo no processo migratório. Em bairros expandidos pela atividade industrial, como nos nascentes pólos industriais brasileiros (São Paulo, Santos, Porto Alegre e Rio de Janeiro), a mão de obra imigrante era, muitas vezes majoritária, e esse processo foi bastante comum.

Apesar dos grupos anarquistas se declararam internacionalistas, tal característica “nacionalista de longa distância” influenciou as primeiras experiências libertárias na década de 1890, como a Colônia Cecília, no Paraná, ou os primeiros jornais anarquistas de São Paulo, o *Gli Schiavi Bianchi*, *La Bestia Umana* e *L’Asino Umano*. Estas experiências ficaram restritas ao núcleo de imigrantes italianos. Apesar de citarem a “grande família humana, como a grande família animal e vegetal”, citando muitas vezes também “os escravos brancos, assim como os negros” (*Gli Schiavi Bianchi*, 20 de junho de 1892, p.2), apelando para a união de todos os povos, ainda assim, ao não se ater aos problemas específicos da realidade brasileira, foi pouco distribuído fora dos círculos dos imigrantes. Para o sociólogo Clayton Godoy,

o anarquismo foi muito mais dependente da presença e do desempenho dos mediadores originários de outros países e de suas respectivas redes interpessoais do que da absorção inicial, por segmentos sociais brasileiros, de ideias difundidas através de mecanismos não relacionais (GODOY, 2013: 85).

Não obstante, se as ligações étnicas e a disseminação de ideias exteriores eram, de facto, tendências inegáveis, esse caráter não cancelou a recepção dessas ideologias por movimentos anteriormente existentes ou por embates entre posições sociais constituídas nos anos anteriores. O autor Marcelo Badaró Mattos afirma que não foram raros os casos de indivíduos, ligados anteriormente aos movimentos abolicionistas ou também republicanos, durante a passagem do Império para a República do Brasil, que se juntaram rumo à construção de organismos trabalhistas de relevo (Mattos, 2009: 61-64).

Esse caso, com certeza, estava relacionado com a construção de jornais e grupos anarquistas como *O Amigo do Povo* (1902) em São Paulo, que unia imigrantes portugueses, espanhóis, italianos e brasileiros, o *Guerra Sociale* (1916-1917), constituído por um núcleo italiano, mas que se tornava não excludente e aberto a outros imigrantes e trabalhadores do país. O mesmo podemos dizer de *A Luta* (1906-1911), de Porto Alegre, composto por militantes

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

alemães, italianos, afrodescendentes e outros diversos grupos. Nesses casos, observamos como a união de grupos étnicos e nacionais não excluía as suas expansões e projetos sociais, culturais e políticos mais amplos, que englobassem toda a população local, a até internacional (Romani & Benevides, 2019).

Tendo isso em consideração, este artigo tem como objetivo analisar a trajetória de imigrantes portugueses, assim como as suas redes políticas e sociais, nesse processo de construção do anarquismo no Brasil, desde o seu primeiro momento até o período dos ciclos de greves e insurreições de 1917-1920 no país. Os portugueses formaram o maior grupo de imigrantes nos dois maiores centros urbanos do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas também em cidades como Manaus e Porto Alegre e em diversas outras localidades. Mesmo com menor investimento de passagens subvencionadas e antes do período republicano, o Brasil contava com uma forte presença lusitana que atravessa a colonização, mas atingiu um marca expressiva durante a Independência, que chegou há 1,9 milhões de pessoas entre 1922 e 1945 (Mendes, 2011: 29-53).

Diversos estudos já relativizam a ideia de que os grupos italianos e espanhóis eram os mais radicalizados, dando visibilidade também para os imigrantes portugueses e para aos trabalhadores nascidos no país (Martinho, 2012; Samis, 2009). Seguindo esse rasto, e continuando diversos estudos citados neste artigo, temos como hipótese que apesar dos discursos antilusitanos de trabalhadores brasileiros no período compreendido, que os elementos linguísticos e culturais lusitanos favoreceram a construção de organizações que uniam os imigrantes portugueses num primeiro momento, mas isso não excluiu os esforços para uniões com as tradições das lutas locais e também com outros estrangeiros. Essa tendência tinha influência dos ideais criados pela tradição internacionalista e também pela prática transnacionalista dos agentes portugueses ou de seus descendentes.

Nesse sentido, imigrantes portugueses também se empenharam para a aproximação entre outros grupos imigrantes e em projetos organizativos que unissem diversos grupos étnicos e nacionais na construção de organismos de resistência, de comunicação política e atuação sindical. Faremos isso a partir da reconstrução, levando em consideração a bibliografia sobre o tema e os jornais operários escritos por estas pessoas, da trajetória política de três militantes com respaldo no movimento anarquista e sindical que também eram imigrantes portugueses no

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

Brasil: Joaquim Mota Assunção, Neno Vasco e Tércio Miranda.¹ Além disso, analisaremos as redes entre ativistas e militantes destes dois países, assim como de outras conexões, como a construção de mobilizações e espaços associativos e sindicais, incluindo as campanhas anti-militaristas no contexto da Primeira Guerra Mundial e das greves entre 1917-1920.

Sincronias iniciais: a trajetória de Joaquim Mota Assunção e o elemento lusitano na recepção do anarquismo e sua influência entre a classe trabalhadora do Rio de Janeiro

Um dos primeiros jornais anarquistas no Brasil, dirigido por um português, que começava a ter influência no movimento operário em sua localidade, foi *O Protesto*, lançado em 1899, no Rio de Janeiro. Ele tinha a participação de Sarmiento Marques, um trabalhador espanhol que tinha sido pioneiro na cidade, ao criar o periódico anarquista *O Despertar*, um ano antes. Mas, desta vez, a direção do novo periódico ficou a cargo de Joaquim Mota Assunção. Ele foi um imigrante português que chegou ao Brasil com o seu pai e os seus três irmãos aos oito anos de idade. Primeiramente Mota Assunção e parte de sua família se estabelecem em uma colônia agrícola no oeste de São Paulo, subvencionados pelo Estado. Ele se mudou para a capital do país na passagem da adolescência para a vida adulta, quando exerceu a profissão de condutor de bonde, depois tipógrafo e linotipista. O jornal de sua direção teve 12 números com uma tiragem 1.000 a 1.5000 exemplares e já mostrava uma maior inserção nas associações operárias do que seu antecessor, o que se deve ao fato de suas profissões. Sob a coluna “Movimento Operário Social”, apontava as reivindicações e especificidades dos chamados “trabalhadores de bondes” e a tentativa de criação de uma Federação dos Trabalhadores que foi instituída na Rua Tobias Barreto, n° 37.²

Mota Assunção aproveitava essa experiência organizativa e apresentava muitas citações e colunas anticapitalistas claramente anarquistas ou libertárias, começando por seu cabeçalho citando “a propriedade é um roubo” de Pierre Joseph Proudhon e “a expropriação é uma necessidade” (*O Protesto*, 3 de dezembro de 1889, p.1) de Piotr Kropotkin. Com isso, já era noticiado e tentava-se organizar as categorias de pintores, barbeiros, tecelões, padeiros, chapeleiros e dos tipógrafos, conhecidos por serem reivindicativos na cidade, espalhando ideias

¹ Aqui estamos sendo influenciados pela micro-história, especialmente a de matriz italiana que busca a intersecção entre as esferas individuais dos biografados, com os aspectos políticos e culturais da sociedade em que este está inserido. (LIMA, 2006)

² Ver “Movimento Operário Social”, *O Protesto*, 3 de dezembro de 1889, Rio de Janeiro, p.3 e *O Protesto*, 3 de dezembro de 1899. Rio de Janeiro, p.4.

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

como o republicanismo, socialismo e anarquismo.³ O acompanhamento dessas categorias talvez seja um indício de como o militante havia aderido ao anarquismo, uma vez que ele chegou aqui quando criança. É também uma evidência que as ideias libertárias e socialistas não tenham sido trazidas apenas por imigrantes. Nesse período inicial muitos deles politizaram-se no processo de reconhecimento enquanto imigrantes, trabalhadores e também devido à exclusão do processo político representativo, tanto no Brasil mas também em seus países de origem⁴.

É preciso salientar também algumas características da imigração portuguesa no país. Tomamos o caso do Rio de Janeiro como exemplo, podemos perceber que na década de 1890, chegaram 106.461 desses imigrantes numa população de 522.651 pessoas. Nesse período, os portugueses representavam 20,37 % da população na região e 68,60% dos imigrantes (Oliveira, 2009: 149-168). Apesar da cidade ser conhecida por seu aspecto luso devido à presença da corte portuguesa décadas atrás, a escolha ainda tinha outros condicionantes. O fato era que havia um contingente contínuo de indivíduos precarizados em busca por melhores condições de vida, especialmente das áreas rurais de Portugal, que aumentava de forma intensa desde a metade do século XIX. E, assim como em São Paulo, Rio Grande do Sul e outras regiões, o Rio de Janeiro se tornou um destino visado por representar um dos pólos industriais emergentes ofertando atividades e empregos. Sua característica especial também era a presença de uma extensa área de comércio que atraiu justamente uma grande quantidade de trabalhadores não qualificados que buscavam atividades como ajudantes de comerciantes, estivadores, barbeiros, condutores de bondes, padeiros e outros. Para Carla Mary Oliveira sendo

em sua grande maioria homens solteiros, os portugueses que aportavam no Rio de Janeiro acabavam instalando-se por ali mesmo, no centro da cidade e suas cercanias, na Gamboa, na Saúde, no Castelo, e iam trabalhar, quase sempre, em funções que não necessitavam de qualificação prévia (Oliveira, 2009: 153).

Mota Assunção já vivia no Brasil há algum tempo, primeiro fator que nos possibilita pensar que seu compartilhamento com o anarquismo pode ter se dado com a sua experiência entre esses trabalhadores precarizados, que estrangeiros, mas também brasileiros, compunham. Evidentemente, eram comuns formas de associação entre indivíduos de um mesmo país ou

³ Ver Samis, 2009: 109-110 e Batalha, 2009: 28-29.

⁴ Nesse período, o Brasil acaba de proclamar a República, ainda com representação eleitoral excludente para a maioria da população, ao exigir a alfabetização para os maiores de 21 anos (Ferreira, 2005). Já, em Portugal, apenas a Revolução de 1910 irá depor a Monarquia (Pires, 2017).

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

região, mesmo nos lugares onde não recebia a imigração familiar, conservando aspectos culturais de suas origens, bem como livros, experiências e correntes de pensamento. Isso faz, de fato, com que seja mais provável as chances de o militante ter conhecido e disseminado as ideias libertárias entre militantes imigrantes, na maioria portugueses, mas não podemos excluir também sua integração com outros, como espanhóis e italianos, que existiam em grande número na cidade (Bertonha 2014), e mesmo brasileiros. O historiador Marcelo Badaró Mattos também nos mostra que, na cidade, desde a metade do século XIX, devido a sua população fortemente afrodescendente e também de imigrantes foi comum a construção de associações mutualistas, irmandades, associações com a presença de escravizados, ex-escravizados e trabalhadores livres que, mais tarde, iriam compor partidos, sindicatos e outras organizações (Mattos, 2009: 61-157).

É claro que devemos considerar que, apesar desse compartilhamento, existiram disputas entre brasileiros e estrangeiros portugueses nessa região que foram alvos de um intenso debate historiográfico. O fato de haver muitos documentos das associações mutualistas e sindicais mostrando rivalidades entre trabalhadores de diferentes nacionalidades, e nesse caso a lusofobia, tanto para a disputa de lideranças quanto para o tensionamento de correntes políticas e estratégias, levou autores como Boris Fausto defenderem que tais embates limitaram o movimento operário no Rio de Janeiro, assim como teriam desenvolvido a predominância do sindicalismo reformista, chamado pelo autor como “trabalhismo carioca”. Além disso, para Fausto, os ferroviários, trabalhadores marítimos e doqueiros, por sua presença majoritária negra, formavam um grupo com a ausência de ideologias europeias como o socialismo e o anarquismo, fato diferente em São Paulo, que, pelo caráter italiano, foi supostamente um antro de correntes políticas radicais (Fausto, 1977).

Nos estudos atuais que mostram essa relação na classe trabalhadora, Marcelo Badaró Mattos nos revela que a experiência dos trabalhadores escravizados e imigrantes, muitos portugueses, nas ruas, em ocupações precarizadas, muitas vezes compartilhando as mesmas ocupações - ambos buscando formas difíceis de sobrevivência - levou, de fato, eventualmente, também ao surgimento de rivalidades e disputas (Mattos, 2009). No entanto, como também afirma Erika Bastos Arantes em seu estudo sobre os trabalhadores portuários, esse tensionamento e não seu isolamento é que trouxe uma experiência e proximidade para uma formação da classe operária no estado. A autora, levando em consideração que não existe uma formação de classe sem experiências de embates e diferenças, afirma que esse contato intenso,

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

com o passar dos anos, também “levou ao surgimento de várias formas de solidariedade” (Arantes, 2010: 38). Processo que se deu quando os trabalhadores avistaram problemas comuns como a situação precária em que estavam envolvidos, criando órgãos para lidarem com essa realidade como a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche em Café, no centro da cidade, importante organização que contava com trabalhadores nativos e estrangeiros, participando de manifestações do período. Tudo indica também que, como também mostra a pesquisadora Fabiane Popinigis, a língua portuguesa aumentou, de fato, a proximidade entre imigrantes portugueses e brasileiros no estado do Rio de Janeiro que, evidentemente como em muitas relações humanas próximas, produziam conflitos, mas também aumentavam as chances de compartilhamento de ideias e experiências entre imigrantes e a população nativa, inclusive ex-escravizados e pobres (Popinigis, 2007: 126-135).

Em maio de 1900, por exemplo, o periódico *O Protesto* publicava uma coluna destinada ao significado do dia 13 deste mês referente à abolição da escravidão. Os redatores afirmavam que no antigo sistema escravista “havia a propriedade homem” no qual “o negro era mercadejado pelos burgueses, como se fosse um quadrúpede – aquilo era revoltante.” Reconhecendo os avanços da abolição, no entanto, diziam que “o escravo só tem mudado de nome.” Os trabalhadores ditos livres seriam os novos escravos da classe burguesa e política do país e, nessa visão

se o fato de 13 de maio tem em si algum valor, não o deve seguramente aos políticos, nem muito menos ao decreto da princesa, mas sim aquela sacrossanta campanha que teve por nome Abolição! O 13 de maio, pois, não é um dia de festa: é um dia de protesto e rebeldia (*O Protesto*, 13 de maio de 1900, p.1).

Nos anos de 1898 e 1900, duas greves de cocheiros aconteceram na cidade, quando aconteceram repressões policiais. Os anarquistas, mesmo ainda não hegemônicos nos eventos, participaram ativamente das greves e manifestações, organizando, noticiando e buscando auxílio a essa categoria de trabalhadores (Samis, 2009: 107).

Contando com um tipo de inserção entre diversas categorias da cidade, Joaquim Mota Assunção também tinha apoio de ativistas do país, como Benjamin Mota, que morava em São Paulo (Santos, 2021, 53). Sua articulação internacional também existia, como no caso do grupo de imigrantes espanhóis na Argentina a partir do grupo Luz Y Progreso de Buenos Aires e de outros, dos louvores aos mártires de Chicago dos E.U.A, e da rede transnacional de anarquistas portugueses. O jornal acompanhava, a partir de cartas, ou mesmo da notícia de jornais

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

libertários portugueses enviados por correspondência, a formação de grupos e os andamentos das discussões libertárias em Portugal e suas articulações com outros países, como atesta a coluna “O Movimento Social” de março de 1900, que transcrevia a notícia que:

PORTUGAL - A propaganda aqui, depois de algum tempo de tréguas, começa a tomar incremento. Segundo lemos no nosso estimado colega *A Obra*, de Lisboa, começam a organizar-se novos grupos libertários.

Acabamos 4 manifestos: Um aos “Proletários” exortando o elemento liberal a congregar esforços para enviarem um representante ao Congresso Operário Revolucionário Internacional, que reunir-se-à em Paris, por ocasião da Exposição Universal, que se efetuará brevemente (O PROTESTO, 18 de março de 1900, p.3).

Vemos, portanto, que estes militantes não estavam alheios às discussões e articulações políticas socialistas e anarquistas da Europa, mesmo que seus correspondentes daqui não tivessem começado sua atuação naquele continente. Tanto o sentimento de nacionalismo de longa distância, quanto o internacionalismo político do anarquismo, misturavam-se, potencializando esse caráter, o que foi decisivo para a inserção desses militantes na construção do movimento operário no Brasil. Edgar Rodrigues afirma ainda que Mota Assunção continuou sua trajetória em diversos espaços participando “da Universidade Popular, de 1904, no Rio de Janeiro” e “escreveu peças de teatro e obras entre as quais, *Analfabetos Ilustres*, tudo ainda na primeira década do século XX.” (Rodrigues, 2010: 46).

Os registros de Assunção continuam com o passar dos anos, colaborando com os principais organismos que tiveram participação de outros imigrantes portugueses, mas também que eram os principais espaços do operariado no país como os periódicos *O Amigo do Povo* e a *Terra Livre*, participando também na fundação da Confederação Operária Brasileira (COB) em 1906 e de sua periódico, *A Voz do Trabalhador*.

Neno Vasco e a conformação do anarquismo e de suas estratégias sindicais além-mar

Em 9 de maio de 1878, na cidade de Penafiel, distrito do Porto em Portugal, nasceu Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos. O futuro anarquista nasceu de uma família católica de comerciantes com certas relações políticas que, com problemas financeiros, decidiram emigrar para o Brasil, onde também tinham negócios investidos. Anos mais tarde, voltou para Portugal, especificamente para a região de Amarante na casa da sua avó, uma vez que seu pai requeria para ele uma educação letrada e intelectual nos moldes europeus. Nesse

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

movimento, estudou no Liceu Amarantino, no qual teve contato com escritores e poetas que se tornaram influentes posteriormente, como António Resende e Teixeira de Pascoaes. Em 1896 inicia seu curso na Faculdade de Direito em Coimbra, estabelecendo relação e se interessando por obras racionalistas e, especialmente, pelo republicanismo e o anticlericalismo (Samis, 2009: 17-29). O historiador Alexandre Samis explícita que o primeiro contato que o personagem teve com o anarquismo foi justamente o “intervencionismo”, ou seja, a luta de alguns militantes anarquistas pela república portuguesa, acreditando que, mesmo sendo insuficiente esse modelo político, ele era uma etapa de progresso necessária ou que poderiam, nessa luta, radicalizar o programa político republicano, influenciando as massas para uma revolução social (Samis, 2009: 51).

Em 1901, Gregório de Queirós e Vasconcelos, depois de formado, vai ser conhecido como participante de jornais republicanos nos quais, mais tarde, em manifestações de origem popular e com influência da Internacional, conhece as ideias de Errico Malatesta. Nesse período, os jornais como *O Germinal*, de Lisboa, ou *O Agitador* de Porto, começava a ter grande influência do teórico italiano, que começava a passar das fileiras insurrecionalistas, para métodos mais organizados, tanto em volta do sindicalismo, mas das organizações políticas anarquistas (Duarte, 2021).

Nesse ano, já conhecido nas redes militantes como Neno Vasco, decide emigrar novamente para o Brasil, não pela necessidade, mas pelo que tudo indica pelo anseio internacionalista que começava a ler nas teorias anarquistas e pelo conhecimento que tem dos grupos iniciais que estavam a se formar no país. Ele estabeleceu relações próximas aos militantes italianos Gigi Damiani, Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e Giulio Sorelli e com os portugueses, especialmente Benjamin Mota, e brasileiros, como Ricardo Gonçalves. Esse grupo, com outros anarquistas influentes, fomentou a criação do periódico *O Amigo do Povo* na cidade de São Paulo (Toledo, 1998: 101). Iniciado em 1902 o jornal era impresso na Rua Guilherme Maw, n.º 38, no bairro da Luz e a maioria de suas colunas eram escritas em português, com algumas em espanhol e italiano, tentando, portanto, aglutinar várias origens nacionais de trabalhadores. Em um dos seus primeiros números, os redatores libertários afirmavam que o surgimento do jornal, “redigido em português”, tinha como objetivo fazer com que “o proletariado manual e intelectual indígena possa conhecer os princípios de nossa escola socialista” (*O Amigo do Povo*, 19 de abril de 1902, p.1).

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

O Amigo do Povo também apostava nos espaços educativos e culturais para a classe trabalhadora como na criação do Centro de Estudos Sociais e Ensino Mútuo, a apresentação de peças como *Il Giustiziere*, apresentado por Giulio Sorelli e o lançamento de romances como o *Ideólogo*, de Fábio Luz (Toledo, 1998: 94-95). Não foi coincidência *O Amigo do Povo* tornar-se o primeiro periódico em língua portuguesa com publicação regular no país. A autora Edilene Toledo afirma que “durante seus três anos de existência (1902, 1903 e 1904), o grupo conseguiu criar 63 números do jornal. A frequência do periódico variou entre uma semana e quinze dias e o número de páginas entre três e quatro” (Toledo, 1998: 102)

Sobre o conteúdo de suas publicações, os nomes mais comuns nas suas colunas eram “A Greve” e “Movimento Social”, revelando seu principal alvo e sua estratégia primordial, tentar organizar um movimento operário que congregasse o maior número de pessoas, noticiando a realidade local da população brasileira. Discutindo com os anarquistas da cidade de como se chegar à revolução, o grupo colocava sob o título “O que queremos”:

A simples propaganda, falada ou escrita, já o dissemos, é importante para conquistar para as nossas ideias toda a grande massa popular. É indispensável uma educação prática que seja alternadamente causa e efeito duma gradual transformação do ambiente. Convém que à medida que se desenvolvam nos trabalhadores o sentimento da revolta contra os injustos e inúteis sofrimentos de que são vítimas, e o desejo de melhorar a própria condição, eles lutem, unidos e solidários, pelo que conseguimento do que desejam (*O Amigo do Povo*, 24 de maio de 1902, p.1).

Os anarquistas em questão criticavam os grupos que se restringiam à propaganda, mesmo aqueles que se voltavam aos trabalhadores nas portas de fábricas. Assim, eles procuravam voltar-se a “uma educação prática”, exercitando o espírito combativo dos explorados. Nesse sentido, embora a língua portuguesa fosse um elemento importante assim como a criação de um ambiente educacional como centros educativos ou bibliotecas, o jornal também considerava os espaços de luta:

A necessidade da organização é mais do que palpável; oitenta por cento dos operários deste país trabalham diariamente de 12 a 13 horas e os abusos patronais estão na ordem do dia. Permanecer indiferente ante esta situação abjeta é tornar-se cúmplice dela. É preciso deixar escrúpulos a um lado e meter pela vida ação fecunda, formando cada uma parte da sociedade da sua profissão e pouco importa que os obstáculos a vencer sejam muitos ou que no princípio a obra se conte com poucos aderentes. (*O Amigo do Povo*, 11 de abril de 1903, p.1).

Uma das primeiras influências do grupo em torno do *Amigo do Povo*, ainda em 1902, foi sua participação na Liga de Resistência de Chapeleiros e anexos e, logo depois, na Liga de Operários, Sapateiros e Anexos e a Associação de Artes Gráficas, além de noticiar greves, boicotes, manifestações e criações de outros sindicatos sob a coluna “Movimento Social.” Esse

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

caráter fez com que os anarquistas pudessem construir a Federação Operária de São Paulo (FOSP) desde 1905, que contava ainda com socialistas e sindicalistas de outras matizes (Toledo, 1998: 110-111). Nessa perspectiva, as táticas de greves parciais que o grupo incentivava visava a melhoria da condição de vida dos trabalhadores, como apontamos, mas também a preparação essencial para a greve geral. Para isso, um dos debates do grupo era exatamente como estes militantes poderiam unir lutas anteriores e a tradição dos trabalhadores na cidade e no país aos interesses e alvos do anarquismo, porém sem transpor exatamente qualquer um desses para a nova realidade. Eles diziam:

Respeitamos os processos revolucionários passados, mas sem querer copiá-los. Cada época tem o seu método particular e cada grau de civilização os seus processos novos. A arma da tirania será sempre a barbárie, e a dos homens livres sempre a inteligência (O Amigo do Povo, 1 de maio de 1902. p.1).

O historiador Alexandre Samis, em seu estudo sobre o militante Neno Vasco, realmente afirma que nesse período, “tais ideias, [...], longe de permanecerem puras, trazidas de fora e preservadas de qualquer influência interpretativa, misturaram-se em favor da resolução de problemas específicos encontrados na América” (Samis, 2009: 9). Nesse sentido, Neno Vasco foi um grande elaborador e fomentador de um anarquismo sincrônico com a realidade brasileira, ao mesmo tempo conectado com o movimento europeu, principalmente em Portugal. Seu trânsito entre os dois países, sua bagagem teórica internacionalista, e sua luta prática republicana e depois adentrando o socialismo libertário, colocava o referido militante e propagandístico neste lugar. Discursando para os operários brasileiros que podiam apresentar discursos xenofóbicos contra brasileiros, ele citou que:

é necessário que o proletariado brasileiro abra os olhos e se dê conta das mistificações de que está sendo vítima. É preciso que compreenda que o seu inimigo não está fora do Brasil, que o seu inimigo não é estrangeiro, mas capitalista, o burguês, o militar, o padre e todos os sustentáculos da iníqua organização da actual sociedade, e que esses inimigos os temos aqui dentro do Brasil, como estão em todas a partes, competindo aos operários como principais vítimas, preparar-se lhes dar combate aqui. Ao par que os nossos companheiros, os operários das outras nações, fazem o mesmo nos seus respectivos países (A VOZ DO TRABALHADOR, 1 de julho de 1908, p.2).

É certo que as associações de socorro mútuo e outras entidades mutualistas de caráter étnico marcaram o processo de estabelecimento de imigrantes em várias partes do Brasil. Entre os portugueses podemos citar a Sociedade Portuguesa de Beneficência, criada ainda em 1861 (Jesus, 2014: 113). Embora os militantes socialistas, sindicalistas e anarquistas se aproximassem e se beneficiassem destes organismos, para muitos destes internacionalistas

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

como Neno Vasco, a associação entre seus conterrâneos não excluía a associação com outros grupos imigrantes, e com os trabalhadores já residentes no país.

No caso dos imigrantes portugueses anarquistas, as particularidades desse fenômeno podem ser evidenciadas no periódico *A Terra Livre*, construído através de uma associação de militantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, provindos dos grupos que publicavam anteriormente *O Amigo do Povo* e a *Revista Autora*, projetos de grande influência de Neno Vasco (Alvarenga, 2017: 99-103). Parecido com seu periódico antecessor, sua primeira publicação saiu no dia 1º de dezembro de 1905 e sua impressão era feita na Rua Santa Cruz da Figueira, nº1, passando posteriormente para o endereço na Rua Maria Domitilla, nº 88, ambos em São Paulo, nos quais as subscrições voluntárias poderiam ser enviadas para o nome de Neno Vasco ou para Manuel Mascoso na caixa do correio, nº236, no Rio de Janeiro. Este último militante era imigrante da Espanha e estabeleceu contato com os galegos no país que adentravam o movimento operário e, logo depois, conheceu militantes luso-brasileiros, como Neno Vasco, e depois italianos, como Gigi Damiani e Matilde Magrassi, e mesmo nascidos no país como Edgard Leuenroth. Vivendo entre o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, participou ativamente em grupos e periódicos como *A Voz do Trabalhador*, *A Luta* e *O Diário*, além de escrever por carta para a revista *A Sementeira* e o jornal *O Diário* de Portugal (Santos, 2021: 120).

É nesse contexto que o grupo em questão tentou difundir e impulsionar a Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) e a Federação Operária de São Paulo (FOSP). A FOSP foi sendo constituída desde 1903 com a multiplicação de grêmios e ligas de resistência de bairros, que começaram como grêmios de imigrantes, mas desta vez expandiram-se para trabalhadores em geral. A FOSP desde seu início tinha forte caráter étnico italiano tendo o jornal *Il Falegname* de Giulio Sorelli um dos seus principais articuladores, mas também o periódico socialista *Avanti!*. Não obstante, foi potencializado pela articulação de imigrantes portugueses, espanhóis e brasileiros posteriormente. Em 1905, a União de Chapeleiros noticiou a meta de criar e unir vários sindicatos, ligas e outros organismos, tendo a FOSP como órgão aglutinador. Tal projeto foi apoiado e noticiado em *A Terra Livre* em sua edição do dia 7 de fevereiro de 1906. O periódico *A Terra Livre* também continuava com sua rede em Portugal, e através da composição e apoio de outros imigrantes, também acompanhava o movimento operário da Espanha, Itália, Argentina e de outras localidades (Alvarenga, 2017).

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

Essas articulações, tanto locais mas também internacionais, construíram a Confederação Operária Brasileira, fundada em 1906, mas com sua ativação apenas em 1908. O Primeiro Congresso Operário, evento que concretizou a intenção, foi realizado no Centro Galego (espaço familiar aos redatores em torno de *A Terra Livre*) entre os dias 15 e 22 de abril de 1906 no centro do Rio de Janeiro. As reuniões receberam 43 delegados de 28 associações de variadas partes do país, incluindo a cidade em questão, Salvador, Alagoas, Rio Grande do Sul e São Paulo e incluía, em seus primeiros anos, 50 sindicatos federados por organismos e “federações nacionais de indústria ou de ofício, uniões locais ou estaduais de sindicatos, sindicatos isolados em locais onde não existiam federações ou de indústrias e ofícios não federados” (Toledo, 2013: 214) Nesse sentido, como estamos acompanhando, a proposta de união em base nos interesses econômicos da estratégia do sindicalismo revolucionário⁵ que convocava trabalhadores de diversos ofícios, bairros, também servia muito bem para os interesses internacionalistas de união entre os trabalhadores de várias origens nacionais e étnicas.

Neno Vasco acompanhava essa construção e articulava sua estratégia sindicalista revolucionária, anarquista e internacionalista. Nesse mesmo período, ele estreitou mais ainda os laços com os espaços operários do Brasil, casando-se com Mercedes Mascoso, outra militante anarquista, e contribuiu para a construção da Escola Moderna, edificado pelo educador libertário Adelino Tavares de Pinho. Esse espaço, assim como os projetos de Paul Robin e Francisco Ferrer Y Guardia na Europa, foram importantes para a edificação de uma educação autônoma entre os filhos de operários, servindo também como lugar para a discussão de operários e sindicalistas. Para os militantes anarquistas, a luta econômica e a educação construído pelos próprios trabalhadores, longe dos dogmas estatistas, capitalistas e da Igreja, eram umas das pontes para o novo mundo, e configurava a estratégia sindicalista revolucionária (Santos, 2021: 159-175).

Nesse sentido, é interessante também perceber que a construção da Confederação Operária Brasileira foi no mesmo período que a construção da Carta de Amiens de 1906, que marcou o sindicalismo revolucionário francês, a partir da Confederação Geral do Trabalho (CGT). Essa carta foi tida como um documento que influenciou o modelo de outros sindicatos

⁵ Existe uma ampla bibliografia sobre o caráter ideológico do anarquismo, ora sendo confundido com o anarcossindicalismo (um sindicato de caráter explicitamente anarquista), ora sendo defendido como uma corrente autônoma entre o socialismo e o anarquismo (Toledo, 2013). Aqui estamos o acompanhando como uma estratégia anarquista, que defendia a independência ideológica, mas que também era sincrético às estratégias sindicais de socialistas ou de sindicalistas revolucionários pragmáticos (Santos, 2021: 118-144).

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

de orientação pela “ação direta” no mundo. Sem contestar a influência do documento, que realmente era citado por diversas organizações sindicalistas, anarquistas e socialistas, não obstante, como estamos acompanhando, na verdade, a Carta de Amiens também foi influenciada por um movimento global que se correspondia e se construía conjuntamente a partir das discussões da classe trabalhadora em várias partes do mundo (Toledo, 2013).

Neno Vasco, que regressou para Portugal em 1911, após o estabelecimento da República, foi tido como um grande influenciador do sindicalismo revolucionário e do anarcossindicalismo no país, que teve sua Confederação Geral do Trabalho apenas em 1919. Sua obra, a *Concepção Anarquista do Sindicalismo*, publicada em 1920 e lida pelo movimento operário português, teve muita influência das discussões geradas pelo movimento operário do Brasil (Duarte, 2021: 206). Nesse caso, a construção do anarquismo e de suas estratégias sindicais, não vinham apenas do centro do capitalismo para “baixo”, mas as posições e discussões geradas nos países tidos como periféricos também puderam influenciar fortemente o operariado europeu. E grande parte dessa mediação teve o peso de agentes que transitavam entre esses “dois mundos”, como Neno Vasco.

O periódico *A Voz do Trabalhador* de Porto Alegre, o órgão da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), em 1912, mostrava que as pautas da classe trabalhadora deveria estar em consonância tanto com interesses da cidade como em âmbito global, fato que ficava explícito na coluna “Carta de Portugal” que mostrava os ganhos dos trabalhadores no país, incluindo a passagem da Monarquia à República defendendo que “foi a classe operária que maior e mais resistente contingente de revolucionários forneceu por ocasião da implementação do novo Regime em Portugal” (*A Voz do Trabalhador*, 11 de agosto de 1912, p.2). Oito anos depois, Neno Vasco faleceu devido às complicações de tuberculose, na freguesia de São Romão do Coronado, em Trofa, mas convicto de suas posições que tanto a classe trabalhadora do Brasil quanto em Portugal deveriam avançar rumo à liberdade e à igualdade para todos.

Tércio Miranda entre greves, repressões e as campanhas antimilitaristas diante da Grande Guerra

A solidificação do movimento operário através das federações sindicais e de uma coordenação que se esforçava para ter um alcance nacional resultou num ciclo de greves entre 1906-1907 entre várias cidades brasileiras. Em maio de 1907 um protesto dos metalúrgicos da Companhia *Lidgerwood* por melhores condições de trabalho e pela jornada máxima de oito

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

horas de atividade teve a presença organizativa da FOSP, que garantiu que esses agentes recebessem o apoio de outras categorias como pedreiros, sapateiros, tecelões, gráficos, possibilitando considerável amplitude reivindicativa. Anarquistas, além de sua posição no interior da federação, ofereceram discussões e disseminaram notícias através de diversos jornais, entre eles o grupo italiano de *La Battaglia* e *A Terra Livre*, com o envolvimento de imigrantes portugueses e outros, como vimos. Em 1907, amparos legais foram criados pelos governantes ao visualizarem o potencial perigo das agitações para o projeto republicano, sancionadas pelo então presidente Rodrigues Alvez como a Lei Adolfo Gordo que regularizava a expulsão dos estrangeiros residentes no Brasil (Santos, 2021: 99).

O pesquisador brasileiro Sheldon Maram afirmou que entre 1907 e 1921, dos 556 trabalhadores estrangeiros banidos do país, 181 eram portugueses, 121 eram italianos e 113 espanhóis (Maram, 1979: 43). Isso evidencia senão o impacto de imigrantes portugueses na organização operária e sindical, pelo menos a continuação de uma lusofobia, desta vez institucionalizada. Essas medidas também tinham o objetivo de desestruturar uma rede que não se organizava apenas localmente, mas através dos contatos entre imigrantes, ou falantes da mesma língua em regiões distantes. Francisco Carlos Martinho nos informa que “no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro encontramos uma série de documentos referentes à participação de portugueses em atividades sindicais”, dessa maneira “em 17 de dezembro de 1906, foram presos, acusados de incitação à greve [...] os portugueses José Ferreira da Silva, José Lisboa e Miguel Pereira e “junto com eles, foram também presos os brasileiros Manoel José Junqueira e José Moreira da Silva.” (Martinho, 2012: 417). Em 1914, uma greve em Belém do Pará, entre sapateiros, carroceiros e estivadores, resultou na prisão do imigrante português Antônio da Costa Carvalho. Ele era um pequeno proprietário de uma quitanda e uma das principais lideranças do movimento operário sob o manto anarquista na região (Teles, 2016: 6-15). Ele correspondia-se principalmente com o jornal *A Lanterna*, um órgão anticlerical criado pelo advogado e livre pensador, e depois anarquista, Benjamin Mota, que, por sua vez, tinha contato entre os influentes militantes operários brasileiros como Edgard Leuenroth e portugueses como Neno Vasco. Portanto, atacar um elo entre os imigrantes, era atacar também a construção do movimento operário no país de certa maneira.

Nesse período o Brasil começava a receber imigrantes portugueses com a experiência da luta pela República em Portugal, mas que, desta vez desejavam avançar para o socialismo ou para o anarquismo - esse era o caso de Tércio Miranda. Não existem informações precisas de

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

seu nascimento, mas tudo indica que ele cresceu na cidade do Porto e obteve contato com o anarquismo após abandonar as fileiras republicanas entre 1908 e 1912. Ele fazia parte do Grupo Aurora Social, que se vinculava ao jornal *Aurora*, de caráter anarquista, marcando presença também na Liga D'Educação Nova. Nesse período, Portugal enfrentava altas taxas de natalidade, assim como sistemáticas crises e instabilidade no mercado de trabalho, fatos que se somavam aos atos repressivos contra militantes do movimento operário. Juntamente com sua rede étnica que migrava em massa para o Brasil, Tércio Miranda logo estabeleceu contato com uma rede de imigrantes ou descendentes de portugueses em Manaus (Teles, 2017). Luciano Everton Teles nos mostra que “no Amazonas a comunidade portuguesa era importante e com a expansão da economia gomífera (1890-1913), ampliou-se ainda mais, com a chegada de novos imigrantes.” Na cidade já existiam os periódicos *O Lusitano*, *O Poveiro*, *A Voz de Loriga*, *o Alma Portuguesa* e outros que “asseguravam um vínculo identitário e procuravam manter-se conectados com suas comunidades de origem na Europa (Teles, 2017: 106).”

Tércio Miranda não demorou para estreitar vínculos com outros imigrantes e com os trabalhadores brasileiros que construía a Confederação Operária Brasileira, e participou do Segundo Congresso Operário de 1913. Em 1914, Tércio Miranda, Joaquim Aspilicueta, Antônio Dias Martins, Ananias Linhares da Silva e Domingo Batista Guedes - portugueses e brasileiros – se unem para a construção do periódico *A Lucta Social*. Eles concordavam com a estratégia do sindicalismo revolucionário e estiveram na dianteira do Grupo Aurora Social, da União Geral dos Trabalhadores do Norte e da Federação Sindicalista se correspondendo com os grupos portugueses que Miranda havia feito parte em seu país (Santos, 2021: 183).

Nesse contexto, socialistas, anarquistas e sindicalistas haviam sistematizado grupos para coordenar ações diante da Primeira Guerra Mundial. A Confederação Operária Brasileira, ao contrário do Manifesto dos dezesseis na Europa⁶, tinha-se recusado a apoiar qualquer lado do conflito, denunciando o militarismo como algo ligado ao imperialismo, ao estatismo e ao capitalismo, posição próxima de Errico Malatesta. Através do periódico *A Voz do Trabalhador* e o *Na Barricada* noticiaram o Congresso Internacional da Paz, marcado para os dias 14, 15 e 16 de outubro na Praça Tiradentes, n.º 71, no Rio de Janeiro. As redes desse grupo anarquista garantiram notícias e adesões de outros grupos libertários como o Centro de Estudos Sociais

⁶ O Manifesto dos Dezesseis foi um documento escrito em 1916 por anarquistas como Piotr Kropotkin e Jean Grave e outros de destaque no movimento. Eles declaram um apoio crítico aos Aliados e um anti-germanismo. Apesar disso, Errico Malatesta e as principais organizações do período mantiveram uma posição anti-militarista de denunciar os efeitos da guerra e construir greves para deter um conflito entre nações. (DIAS, 2009).

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

do Rio de Janeiro, o Centro Feminino Jovens Idealistas de São Paulo, o Grupo Anarquista Renovação de Santos, os periódicos *La Protesta* e *La Rebelion* da Argentina, assim como União Anarquista Comunista de Portugal, o Grupo Educacion Anarquista da Espanha e outros nos quais estreitavam relações. As adesões conseguiram ser estendidas de forma internacional entre diversas organizações de caráter econômico ou político como a União de Classe Operários Tecelões e a União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, o Ateneo Sindicalista Ronda e o Grupo de Educacion Anarquista da Espanha, a Confederação de Sindicato Obrero de la Republica Mexicana, a Unione Sindicalista Italiana e o Partido Socialista da Argentina, que também faziam chamadas para comparecerem ou fortalecerem o evento (Santos, 2018). Tércio Miranda, nesse momento, estava construindo o Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Amazonas com os militantes Domingos Batista Guedes, Joaquim Azpilicueta, Antônia Dias Martins e Ananias Linhares da Silva, e estreitando laços entre imigrantes e brasileiros.

Nesse movimento, militantes como Neno Vasco ou Tércio Miranda ajudavam a sincronizar as posições das organizações sindicalistas e libertárias entre o Brasil e Portugal. Joana Dias mostra que⁷

Quer o II Congresso Operário Brasileiro de 1913, quer a União Operária Nacional portuguesa, declaram Guerra à Guerra. Como já foi referido, representantes da UON e da COB participaram no Congresso Pró-Paz de Ferrol e lideraram a campanha anti-intervencionista nos seus países (DIAS, 2011: 2012).

Como no caso da Revolução Russa, a posição de contrapor à guerra mundial, e a propaganda anti-imperialista, assim como a força das conexões internacionalistas, junto, evidentemente, às organizações locais, com certeza envolveram os eventos grevistas entre 1917 e 1920 em vários pontos do Brasil, assim como em Portugal.⁸

Não podemos entender tal conjuntura e tais eventos de forma isolada, sem levar em consideração essa ponte poderosa que tais militantes criaram. Da cidade do Porto à Manaus, Tércio Miranda também construiu uma ponte para mobilizar os trabalhadores localmente, mas também costurando uma consciência internacionalista entre eles. Além de seu periódico e da

⁷ Apesar da posição maior sobre o anti intervencionismo, a pesquisadora Joana Dias mostra que, no caso de Portugal, “no contexto nacional, Emilio Costa foi o acrata que mais se destacou na defesa desta posição, tendo inclusivamente assinado o célebre “Manifesto dos dezasseis”. (DIAS, 2009: 124)

⁸ A pesquisadora Joana Dias nos mostra que “No auge da ofensiva operária do pós-guerra, os dois países assistem a um movimento reivindicativo sem precedentes, no qual se destacam as greves de 1917, em Lisboa e São Paulo, durante as quais foi necessário declarar o Estado de Sítio, bem como a greve geral de 18 de Novembro de 1918, organizada em paralelo nos dois lados do Atlântico. A greve esperava-se revolucionária em Portugal; no Brasil planeava-se a tomada do Palácio do Governo e das unidades militares.” (Dias, 2011: 2013)

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

atividade propagandística, e seguindo às decisões da Confederação Operária Brasileira, Miranda ajudou a construir a Sociedade União Operária do Amazonas, no início da década de 1920, aproveitando o saldo do ciclo de greves. O pesquisador Edson Telles mostra que a organização reunia 895 brasileiros e 115 estrangeiros, sendo 80 portugueses, 9 peruanos, 8 italianos, 7 espanhóis, 4 ingleses, 3 alemães, e 1 de outras nacionalistas, entre francês, austríaco, russo e sírio libânes (Teles, 2017: 116). A informação destaca tanto que a estratégia de Tércio Miranda conseguia organizar trabalhadores nacionais - e portanto não era uma “planta exótica” no país, quanto para a importância dos imigrantes e militantes portugueses neste processo. Do mesmo, revela o esforço de internacionalismo entre as diversas origens nacionais entre os trabalhadores que encorparam o movimento operário na região. Essa prática e esforço acompanhou a trajetória do militante até que, em 1930, o corporativismo sindical e o governo de Getúlio Vargas emperrasse muitos dos esforços do sindicalismo revolucionário, ainda que ele continuasse expressivo em algumas regiões.

Considerações finais: nacionalismo e internacionalismo de longa distância

Se considerarmos que os processos migratórios certamente produziram “nacionalismos de longa distância” onde os emigrantes e imigrantes se reconheciam em suas comunidades fora de seus países e, deveras, isso também afetava militantes de formação socialista e internacionalista, podemos perceber, ao analisar diversas trajetórias de ativistas e militantes imigrantes do movimento operário no Brasil, que isso não cancelou totalmente a perspectiva de integrar e construir relações com a população local, assim como outros grupos migrantes.

Pegamos o caso de alguns ativistas portugueses que tiveram relativo sucesso em construir pontes comunicativas, culturais e espaços associativas que pôde, com outros esforços e tendências já construídos por imigrantes e por nativos, realizar um movimento combativo que tinha a especificidade de lutar contra um Estado que se legitimava a partir da repressão e silenciamento de estrangeiros e ao mesmo tempo que se estabeleceu reprimindo a construção de uma força reivindicativa da população local. Isso claramente não se fez sem tensões, tanto com certo etnocentrismo que tais estrangeiros carregavam, mas também da lusofobia reproduzido por boa parte da população no Brasil.

Ainda assim, nesse período, anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários tentavam construir um movimento operário global onde houvesse sintonia e influência de pautas de um país para o outro, fortalecendo o internacionalismo na prática. Muito está sendo

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

estudado revelando esse processo de contato entre imigrantes e participantes destes movimentos, se correspondendo numa rede transnacional e internacional, mas creio que podemos chamar também de internacionalismo a prática dos esforços que imigrantes fizeram para criar espaços, linguagens e movimentos comuns nos países e territórios em que se estabeleciam, unindo tanto seus conterrâneos, outros imigrantes, mas também a população local. Esse foi o caso dos portugueses e internacionalistas Joaquim Mota Assunção, Neno Vasco, Tércio Miranda e muitos outros trabalhadores desse período.

Bibliografia:

Fontes:

Arquivo Edgard Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas, *Gli Schiavi Bianchi*, São Paulo. 1892.

Arquivo Edgard Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas, *O Amigo do Povo*, São Paulo, 1902-1904.

Arquivo Edgard Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas, *O Protesto*, Rio de Janeiro, 1899-1900.

Arquivo Edgard Leuenroth - Universidade Estadual de Campinas, *A Voz do Trabalhador*, Porto Alegre, 1912.

Estudos:

ALVARENGA, Lucas Thiago (2017), *O homem livre sobre a terra livre: o tipógrafo, o jornalista libertário e a rede social do jornal A Terra Livre (1905-1910)*, Dissertação de mestrado em História, São Paulo, Universidade Federal de São Paulo.

ANDERSON, Benedict (2008), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*, São Paulo, Companhia das Letras.

ANDERSON, Benedict (2014), *Sob três bandeiras: anarquismo e imaginação anticolonial*, São Paulo, Editora da Unicamp.

ANDERSON, Benedict (1998), *The spectre of comparisons: nationalism, Southeast Asia and the world*, London, Verso.

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

ARANTES, Erika Bastos (2010), *O Porto Negro: trabalho, cultura e associativismo dos trabalhadores portuários no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX*. Tese de doutoramento em História, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense.

BERTONHA, João Fabio (2014). “Italianos na cidade do Rio de Janeiro: uma comunidade (re)descoberta.” *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Série V, v. 8, p. 415-428. [consulta em 06/12/2022].

DIAS, Joana (2011), “O sindicalismo revolucionário e a crise do liberalismo: os casos de estudo português e brasileiro.” *História*, Série II, v.3, p.197-228.

DIAS, Joana (2009), “O sindicalismo revolucionário em Portugal no primeiro quartel do século XX”, Imprensa da Universidade de Coimbra, Série I, vol. 9, p.114-134.

DUARTE, Ricardo Diogo (2021), *O anarquismo e a arte de governar: Portugal, última década do século XIX e primeiras décadas do Século XX*, Tese de doutoramento em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa.

FAUSTO, Boris (1977), *Trabalho urbano e Conflito social: 1890- 1920*. São Paulo, Difel.

FERREIRA, Manuel Rodrigues (2005), *A evolução do Sistema Eleitoral Brasileiro*, Brasília, Secretária de Documentação e Informação.

GODOY, Clayton (2013), *Ação Direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*, Tese de doutoramento em Sociologia, Universidade de São Paulo.

JESUS, Ronaldo (2014), “Associativismo entre imigrantes portugueses no Rio de Janeiro Imperial” in Marcelo Mac Cord & Claudio Batalha (orgs.), *Organizar e Proteger: trabalhadores e mutualismo no Brasil (Séculos XIX e XX)*, São Paulo, Editora da Unicamp.

LIMA, Henrique Espada (2006), *A Micro-História Italiana: escalas, indícios e singularidades*, São Paulo, Civilização Brasileira.

MARAM, Sheldon (1979), *Anarquismo, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

MARTINHO, Francisco Carlos (2012), “Imigração portuguesa e movimento operário no Rio de Janeiro da Primeira República” in Alda Mourão & Angela de Castro Gomes (orgs.), *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, p.413-434.

MATTOS, Marcelo Badaró (2009), “Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro.”. *Revista Mundos do Trabalho*, série I, vol.1, p.

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

61-64, [consulta em 13/12/2022]. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2009v1n1p51>.

MENDES, José Sacchetta Ramos (2011), *Laços de sangue: privilégios e intolerância à imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Carla Mary (2009) “O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico.” *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Série X, v. 3, p. 149-168, [consulta em 07/12/2002]. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/>.

PIRES, Ana Paula. “As letras de uma Revolução: a implantação da república em Portugal.” *Estudos Históricos*, Série XXX, vol.60, p.331-354, [consulta em 06/12/2022]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/Z6ZkSnwwH6zc9Q8B3pDsbRC/?lang=pt#>

POLETTI, Caroline (2017), *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*, Tese de doutoramento em História, São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio do Sinos.

POPINIGIS, Fabiane (2007), *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*, São Paulo, Editora da Unicamp.

RODRIGUES, Edgar (2010), *História do Movimento Anarquista no Brasil*, São Paulo - Piracicaba, Ateneu Diogo Giménez.

SAMIS, Alexandre (2009), “*Minha pátria é o mundo inteiro*”: Neno Vasco, anarquismo e as estratégias sindicais nas primeiras décadas do século XX, Tese de doutoramento em História, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense.

SANTOS, Kauan Willian dos (2018), “Construindo o Congresso Internacional da Paz e o Congresso Anarquista Sul Americano: cultura política e o trânsito de ideias e experiências anarquistas e sindicalistas entre o Brasil e a Argentina nas duas primeiras décadas do século XX”. *Revista Espaço Acadêmico*, XVIII série, vol. 210, p. 37-49, [consulta em 13/12/2023]. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/44182>

SANTOS, Kauan Willian dos (2021), *Pontes de liberdade: internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil (1890-1937)*, Tese de doutoramento em História, São Paulo, Universidade de São Paulo.

Kauan Willian dos Santos – *Despertando em novas terras: imigrantes portugueses e suas articulações locais e transnacionais na construção do anarquismo no Brasil (1899-1920)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 n° 1 2023. 30-53. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a3

SCHILLER, Glick (1992) et al. *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*, New York, Annals of the New York Academy of Sciences.

TELES, Luciano Everton (2016), “A Lucta Social e a existência de uma rede anarquista regional: Tércio Miranda/AM e Antônio Carvalho/PA (1914)”, *Revista Piauiense de História Social e do Trabalho*, Série II, n.2, p.6-15.

TELES, Luciano Everton (2017), “Tércio Miranda: uma liderança anarquista na Amazônia (1913-1914)”, *Revista Mundos do Trabalho*, Série 17, vol.9, p.11-119.

TOLEDO, Edilene (1998), “Em torno do jornal O Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século”, *Cadernos AEL*, Série I, n. 8/9, p.89-115.

TOLEDO, Edilene (2013). “Para a união do proletariado brasileiro”: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil da Primeira República.” *Perseu: História, Memória e Política*, Série I, v. 7, p. 10-31.